

## Caracterização dos sistemas produtivos de um estabelecimento agrícola familiar no projeto de assentamento Paulo Fonteles, São Domingos do Araguaia – PA

Regina Pereira Lages<sup>1</sup>; Andrea Hentz de Melo<sup>2</sup>; Gustavo Ferreira de Oliveira<sup>3</sup>; Geicy Kelly Bernado dos Santos Pereira<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Agronomia da Faculdade de Ciências Agrárias de Marabá, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Marabá, Pará, Brasil.

<sup>2</sup>Professora Associada 1 da Faculdade de Ciências Agrárias de Marabá, Coordenadora do programa de Pós Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, Marabá-Pará, Brasil.

<sup>3</sup>Mestre em Ciência do solo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Agroveterinárias: CAV/ UDESC, Marabá-Pará, Brasil.

<sup>5</sup>Graduanda do curso de Agronomia da Faculdade de Ciências Agrárias de Marabá, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Marabá, Pará, Brasil.

**Palavras-Chave:** Agricultura familiar, reforma agrária, sistemas produtivos.

### 1. INTRODUÇÃO

Comparando as novas formas da agricultura familiar com as mais velhas, das populações chamadas tradicionais, como grupos indígenas, ribeirinhos e extrativistas, deve-se levar em conta que não existe uma linha divisória clara entre essas formas de "produção familiar": os extrativistas também têm roças de culturas temporárias, árvores frutíferas, aves, porcos e crescentemente o gado (HURTIENNE, 2005).

É comum que terras distribuídas pelo Instituto Nacional Colonização e Reforma Agraria INCRA, apresentem algum estágio de degradação oriundas de derrubadas e pelo processo de pecuarização. Essas terras em muitos casos são de fazendeiros que não possuem documentação ou direito á ela, desse modo às mesmas são retomadas pelo INCRA e repassadas para as famílias assentadas. Como os agricultores já recebem terras com tais características se veem limitados quanto às formas de exploração econômica da área, em muitos casos acabam por optarem pela criação de gado.

Diversos estabelecimentos familiares apresentam tais características, mas é preciso estudos para demonstrar os motivos que levam as famílias a produzirem como produzem. Sendo necessário recorrer aos métodos de observação que consiste na coleta de dados e informações de uma dada realidade (LUCCA; DA SILVA, 2012). O mais importante, no caso amazônico, é que se consiga avançar na direção de uma agropecuária integrada à paisagem florestal, constituindo um todo bastante complexo e equilibrado ecologicamente (MICHELOTTI, 2004). O presente trabalho teve por objetivo realizar a caracterização dos arranjos produtivos presentes no lote 01 no Projeto de Assentamento Paulo Fonteles, São Domingos Araguaia - PA.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado no estágio de campo do curso de Agronomia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em agosto de 2017 no lote 1 do Projeto de Assentamento (PA) Paulo Fonteles, situado na região sudeste do Pará, município de São Domingos do Araguaia, Pará. Possui uma distância de 11 km do município-sede. O acesso ao

PA Paulo Fonteles se dar pela Rodovia BR-230 (Transamazônica) entrando para direita na BR-153, no sentido Marabá-São Domingos do Araguaia entrando na vicinal 44.

A coleta de dados para a realização do estudo foi feita através do convívio de 3 dias com uma família de agricultores, onde foi possível realizar caracterização dos arranjos produtivos presentes no lote 01 através de entrevistas e dias de campo. A família do lote é composta pelo senhor Daniel, sua esposa Dona Iraci, ambos são aposentados e possuem 5 filhos, porém apenas o filho mais novo possui residência próximo ao casal e trabalha juntamente com o pai na propriedade. Foi realizado com o agricultor um dia de visita nos diferentes sistemas produtivos do lote, com o intuito de avaliar as espécies vegetais existentes no estabelecimento.

A propriedade compreende uma área de 25.84 ha. O lote é dividido em 04 pasto mais a área da casa e do curral, verifica-se que o lote possui 04 represas que atende a necessidade hídrica do gado. Os dados foram anotados em planilhas de campo e estão apresentados na forma de figuras e tabela.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos anos iniciais de chegada ao lote o agricultor plantou roça, onde pode cultivar macaxeira (*Manihot esculenta*), banana (*Musa spp*), milho (*Zea mays*) e arroz (*Oryza sativa*) e feijão apenas para consumo. Atualmente a família não cultiva mais, tem apenas o desejo de voltar a plantar, mas fica impedido devido à falta de recursos para recuperar a área para o plantio, que foi perdendo sua fertilidade natural com decorrer do tempo.

A produção da propriedade se concentra na criação de gado leiteiro, a venda do leite representa a principal fonte de renda da família, a renda da família é relativa a comercialização do leite, venda de gado e a aposentadoria. Apesar de possuir ainda uma área com mata virgem, este não pode derruba-la por se tratar de uma área destinada a reserva legal, assim aos poucos foram adquirindo cabeça de gado e conseqüentemente o sistema de produção foi sendo modificado, ou seja, da roça para gado de corte e leiteiro, com predominância de pastagem estabelecida no sistema.

Para alimentação do gado a propriedade possui 4 piquetes com pastagem, que representa cerca de 85% da área do lote, o restante compreende as delimitações da casa, quintal agroflorestal e curral. Com o aumento do rebanho e a impossibilidade de abertura de novas áreas de reserva florestal para implantação de pastagem os agricultores tendem a buscar alternativas, com venda de gado e compra de novas áreas. Uma vez que os pastos cessam de ser instalados, a oferta de forragem no estabelecimento só pode decrescer (REYNAL et al., 1995: 39). As parcelas que compreendem os piquetes possuem ainda as represas que são fundamentais para atender as demandas hídricas diárias do rebanho, bem como o curral que representa a parte final do ciclo produtivo, já que o leite não é armazenado e nem processado na propriedade.

Na área em que está localizada a residência da família eles possuem um quintal com a presença de várias espécies de plantas frutíferas, olerícolas (Tabela 1), e criação de animais de pequeno porte. Quintais agroflorestais são áreas de produção, localizados próximo da casa, onde se cultiva uma variedade de espécies agrícolas e florestais, envolvendo também a criação de pequenos animais domésticos ou domesticados (TRINDADE et al., 2009).

**Tabela 1.** Quintal Agroflorestal

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO
Manga	<i>Mangifera indica L</i>
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Limão	<i>Citrus limon</i>

Tangerina	<i>Citrus reticulata</i>
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>
Urucum	<i>Bixa orellana</i>
Algodão	<i>Gossypium hirsutum L.</i>
Cheiro-verde	<i>Coriandrum sativum e allium schoenprasun</i>
Quiabo	<i>Abelmoschus</i>
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>
Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Couve	<i>Brassica oleracea</i>
Porcos	<i>Sus scrofa domesticus</i>
Galinhas	<i>Gallus gallus domesticus</i>

Nota-se que há uma diversidade na produção advinda do quintal, possibilitando que a família consuma diversos produtos produzidos no próprio estabelecimento agrícola, como a horta orgânica. A criação de porcos para engorda, de onde retiram a banha para consumo, com as olerícolas não é diferente, sempre tem disponível para consumo, o ciclo está sempre em constante renovação. A criação de galinhas é muito comum para as famílias que vivem no campo, a criação das aves no lote representam boa parte da proteína que a família ingere ao longo do ano. Vale ressaltar que as atividades domésticas, cuidados com o cultivo de olerícolas e com os animais de pequeno porte fica a cargo da senhora da casa, é comum que essas atividades sejam de responsabilidades das mulheres, enquanto os homens da casa ficam responsáveis pelas atividades “pesadas” relativas à propriedade.

Todos os adubos necessários para os cultivos são oriundos da propriedade, como restos de pau podre, esterco bovino, de aves, resto de matéria orgânica, promovendo uma constante ciclagem de nutrientes dentro do sistema, com a adoção de práticas conservacionista. A área de mata virgem dentro da propriedade faz parte da reserva legal que está prevista em lei, desse modo o agricultor não a derruba para implantação de culturas temporárias e nem para o estabelecimento de novas pastagens.

A Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, que dispõe sobre a proteção da vegetação, afirma em seu artigo 3º:

“A exploração agroflorestal e manejo florestal sustentável, comunitário e familiar, incluindo a extração de produtos florestais não madeireiros, desde que não descaracterizem a cobertura vegetal nativa existente nem prejudiquem a função ambiental da área”.

Como já mencionado, no início da ocupação do lote o agricultor chegou a realizar cultivos de diversas culturas, no sistema de corte e queima, a produção destinada para subsistência da família, e com o passar do tempo foi dando lugar a pastagem. Contudo, o agricultor mantém intacta a sua área de preservação, demonstrando por diversos momentos em sua fala preocupação com a preservação da floresta nativa, e consciência do papel que ela desenvolve dentro de um ecossistema.

A mata nativa possui diversas espécies florestais, como Castanheira (*Bertholletia excelsa Bonpl*), Sumaúma (*Ceiba pentandra (L.) Gaertn*), Copaíba (*Copaifera duckei Dwyer*), Ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC)*), Ipê-amarelo (*Handroanthus incanus (A.H. Gentry)*). O Sr. Daniel relata que não nunca obteve renda com a prática extrativista, o extrativismo que praticava em seu lote quando se mudou, destinava-se somente para subsistência, e madeiras para bem feitorias no estabelecimento agrícola.

#### 4. CONCLUSÃO

Os sistemas produtivos apresentam diversificação, todavia devido as características que o lote apresentava no momento em que foi repassado ao proprietário, atrelado as condições financeiras que o mesmo possuía e ainda possui atualmente, esses fatores contribuíram para que o mesmo opta-se pelo tipo de exploração hoje predominante na propriedade, o gado leiteiro e o mococultivo de pastagens. Essa realidade está presente em muitos projetos de assentamentos no Brasil em especial no sudeste paraense.

#### REFERÊNCIAS

- HURTIENNE, Thomas Peter. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável na Amazônia**. 2005.
- LUCCA, Emerson Juliano; DA SILVA, Antônio Lucas Lopes. **Análise e diagnóstico de uma unidade de produção agrícola familiar**. Revista de Administração IMED, v. 2, n. 3, p. 172-184, 2012.
- MICHELOTTI, Fernando; RODRIGUES, FNC de V. **Desafios para a sustentabilidade ecológica integrada a trajetórias de estabilização da agricultura familiar na região de Marabá**. Novos Cadernos NAEA, 2004, 5: 73-103.
- REYNAL, V. de et al. (1995). **Agriculturas Familiares e Desenvolvimento em Frente Pioneira Amazônica**. LASAT/CAT – GRET – DAT/UAG. Belém, PA. 69 p.
- TRINDADE, EF da S.; REBELLO, Fabrício Khoury; KATO, Osvaldo Ryorei. **Quintais agroflorestais: diversidade, segurança alimentar e sustentabilidade ambiental**. In: Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em anais de congresso (ALICE). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 7., 2009, Luziânia. Diálogo e integração de saberes em sistemas agroflorestais para sociedades sustentáveis. [Luziânia]: Sociedade Brasileira de Sistemas Agroflorestais; [Brasília, DF]: EMATER-DF: Embrapa, 2009.
- BRASIL. Lei n. 12.651, de 25 de mai. de 2012. **Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm)>. Acesso em: 21 de set. 2017.